

capital<sup>(149)</sup>. A empresa tentou a compra do *Correio Paulistano*, sem resultado. Decidiu-se, então, pela aquisição de tipografia, que se instalou à rua do Palácio, 14 (hoje do Tesouro), esquina da rua do Comércio (hoje Álvares Penteado). A oficina era um “compartimento de chão batido, com portas para o quintal. Alguns cavaletes com caixas de tipos, a mesa da paginação coberta de zinco e um prelo *Alauzet* movido a braços por negros forros recrutados ali perto, no largo da Misericórdia, ao pé do chafariz, ou na rua da Caixa d'Água, junto aos tanques formigantes de escravos”. A composição era feita à luz de velas de sebo, metidas em cartuchos de papel e espetadas na parte de cima das caixas. “Na hora de imprimir, Euclides Saturnino Siqueira ia bater à porta do gerente, que lhe entregava outras duas velas de sebo, para alumiar a tiragem”.

Rangel Pestana já era veterano da imprensa: fundara *O Timbira*, ainda acadêmico; em 1862, colaborara com Teófilo Otoni e Faria Alvim no *Futuro*. Américo de Campos trazia também larga prática de jornal. O gerente era José Maria Lisboa. Lúcio de Mendonça, Gaspar da Silva e Joaquim Taques completavam a redação; o primeiro fazia as notícias e a revisão das provas, ajudado pelos outros. O número inicial, que apareceu com atraso de três dias, saiu às onze horas de 4 de janeiro de 1875. Como os outros jornais do tempo, uns mais, outros menos, a *Província de São Paulo*, que esse foi o título adotado, vivia de anúncios (de casas comerciais de amigos, de falecimentos, de missas, de partida de navios em Santos, de espetáculos de teatro, de chegada de médicos da Corte, de negros fugidos), e de assinaturas, estimuladas por prêmios sorteados com a loteria, o maior no valor de um conto de réis. Não havia venda avulsa. Esta foi iniciada pelo novo jornal, a 23 de janeiro de 1876: o ajudante de impressor Bernard Gregoire, tocando buzinas nas ruas. A população achou aquilo um despautério, houve repulsa à iniciativa que levaria à “mercantilização da imprensa”. Não se percebia que tal mercantilização já havia sido inaugurada. Logo depois,

(149) Constituíram a sociedade Francisco Rangel Pestana, Américo de Campos, Bento Augusto de Almeida Bicudo (Campinas), Antônio Pompeu de Camargo (Campinas), Américo Brasileiro de Almeida Melo, João Francisco de Paula Sousa, Manuel Ferraz de Campos Sales (Campinas), João Manuel de Almeida Barbosa (Campinas), Rafael Pais de Barros, Diogo Pais de Barros, João Tobias de Aguiar Castro (Itu), Manuel Elpídio Pereira de Queiroz (Campinas), João Tibiriçá Piratininga (Itu), José Pedro de Moraes Sales (Campinas), Francisco Sales (Campinas), Martinho Prado Júnior (Araras), José Alves de Cerqueira César (Rio Claro), Cândido Vale (Rio Claro), e Francisco Glicério de Almeida Leite (Campinas); os dois primeiros com quota maior, como solidários. A firma constituiu-se sob a razão de Pestana, Campos & Cia. Era o esboço da imprensa industrial. As alterações da empresa não invalidam — com a propriedade individual, ou de família, que ocorre depois — essa origem marcadamente empresarial. Fazer um jornal importava, a partir daí, em despesa de vulto.